

O MISTÉRIO DA FÉ NO FENÔMENO DA CIBERCULTURA

Darlei Zanon SSP

Introdução

Em meados do século XX, enquanto o planeta via a luta pela supremacia militar e tecnológica entre os EUA e a URSS, surgiam vários projetos ousados. Dentre eles, destacamos as pesquisas que originaram o computador e as posteriores pesquisas sobre redes, interconexões entre fontes de dados, utilizando o computador, promovida pelo Ministério de Defesa norte-americano.

Pouco mais de meio século depois, vemo-nos imersos numa cultura que tem suas raízes nestes acontecimentos. O computador (o digital) é a base e a fonte da nova cultura: a cibercultura! Ela surge impulsionada pelo avanço da tecnologia e da popularização dos computadores pessoais. Uma cultura universal, caracterizada pela não-totalidade, ou seja, pela plena liberdade, igualdade e irrestrrição político-ideológica.

A cibercultura é objeto de estudo e discussão de diversas ciências, mas ínfima é a reflexão teológica a respeito deste fenômeno. É um universo pouco conhecido pela fé, com poucas tentativas de verdadeira inserção. Proporemos uma reflexão teológica, ao mesmo tempo sistemática e pastoral, auxiliada por elementos da filosofia e pela teoria da comunicação. Projeto certamente ousado, mas atual e necessário. Visamos a

contribuir com a missão da Igreja e, principalmente, com o trabalho apostólico nos meios multimediais.

A questão sobre “como o novo contexto cultural, denominado cibercultura, influencia a fé e sua vivência” será nosso fio condutor. Partindo de uma análise fenomenológica da cibercultura — seguindo a teoria de Pierre P. Levy —, veremos o impacto causado à fé e como a fé reage a este impacto, qual a resposta que dá, ou deve dar.

Mais do que respostas, pretendemos apontar caminhos, pistas para a reflexão e a ação. Mostrar que o ser humano do século XXI está inserido — ou inserindo-se — numa nova cultura — contexto — que muda sua maneira de ser, pensar e agir; e, com ela, também sua forma de viver a fé. E, principalmente, que a cibercultura, superando a modernidade, está aberta à fé e à espiritualidade. Há um grande espaço para o sagrado.

I – Advento de uma nova cultura: a Cibercultura

Vivemos num momento privilegiado da história, o alvorecer de um novo milênio, que é particularmente marcado pela velocidade das transformações, sejam elas políticas, econômicas, sociais, culturais ou tecnológicas. A cada dia que passa, somos atingidos por uma avalanche de informações inimagináveis em outros períodos da história da humanidade.

Dentre todas estas transformações, em evolução constante, destacaremos aqui a cultural, sob o prisma da influência exercida pela tecnologia. É evidente que a cultura, entendida como soma de elementos cognitivos, normas, crenças e valores de um certo grupo, embora assaz abrangente para ser determinada por um aspecto específico, sofre influência da tecnologia.

Este é o âmbito que mais evolui na sociedade contemporânea e já altera a ciência, a arte, a literatura, a música, o cinema, o comércio, os costumes etc. Se definirmos cultura como “aquele complexo que inclui conhecimento, ciências, arte, lei, moral, costumes e qualquer capacidade e hábitos da sociedade”¹, poderemos afirmar aquela que será uma idéia fundamental em nosso artigo: a cultura está sendo definida pela tecnologia virtual; estamos imersos numa cibercultura, a cultura do virtual.

¹ Cf. E.B. TAYLOR, *apud*: M. SANCHEZ CUESTA, “Cultura”, in M. MORENO VILLA (org.). *Dicionário de pensamento contemporâneo*, São Paulo: Paulus, 2000, pp. 174-176.

1. Infra-estrutura da cibercultura

O conceito de **virtual** é fundamental na nova cultura. Em informática, **virtual** é toda entidade “desterritorializada”, que se manifesta livremente em diferentes momentos e locais. Não é algo que se opõe ao real. Virtual é o que está expresso em linguagem binária e, por isso, é calculado, processado, armazenado, copiado, representado, atualizado... pelo usuário que interage.

Virtualização é, então, definida como “o movimento inverso ao da atualização. Consiste na passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação à potência’ da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização, mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado”². Neste sentido, o virtual é uma dimensão importante da realidade. É o que existe antes da concretização efetiva ou formal. Em suma, o virtual não é antônimo do real, mas sim do atual e tem por fundamento técnico o **digital**³.

A expansão constante do universo virtual é favorecida pelo **hipertexto**: “conjunto de nós ligados por conexão. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos”⁴. Os mais otimistas afirmam que a Internet é um grande hipertexto constantemente consultado e construído.

A idéia de hipertexto não é nova. A própria Bíblia é uma forma de hipertexto, pois foi redigida aos poucos, com a colaboração de vários autores, e alguns textos remetem a outros. A grande novidade, porém, é que a digitalização permite associar na mesma mídia a mixagem de sons, imagens e textos. E faz isso numa velocidade espantosa e num espaço muito pequeno. Outra novidade é a conexão sempre em tempo real, imediata e livre.

Outro elemento é o **ciberespaço**. O termo *cyberespace* foi criado pelo escritor de ficção científica William Gibson, na obra *Neuromancer*, de 1984. P. Levy define-o como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos compu-

² P. LEVY, *O que é o virtual*, São Paulo: Ed. 34, 1996, p.17.

³ Digitalizar uma informação é traduzi-la em números (*bits*) para que possa ser lida e compreendida pelo computador. Não importa qual a origem desta informação (texto, imagem, som, cores...) será sempre expressa pela mesma linguagem binária (0 e 1). Uma vez digitalizada, essa informação pode ser manipulada e copiada sem perder sua qualidade e originalidade. Toda comunicação atual depende do digital, toda comunicação de informações passa necessariamente pelo mundo virtual.

⁴ P. LEVY, *As tecnologias da inteligência*, São Paulo: Ed. 34, 1990, p 33.

tadores”⁵. Esta definição destaca o aspecto digital do ciberespaço, elemento que condiciona o seu caráter fluido, dinâmico, preciso e tratável em tempo real, hipertextual, interativo.

Três princípios básicos orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a comunidade virtual e a inteligência coletiva. A interconexão é sem dúvida o pressuposto principal, básico, imprescindível, pois sem se conectar, ninguém entra neste horizonte virtual. Essa **interconexão** acontece de diversas formas — *BBSs, Web, interfaces, Internet, intranet, groupware, hipermídia...* — e de qualquer lugar.

O segundo princípio do ciberespaço, com maior incidência sobre a fé comunitária, é a noção de **comunidades virtuais**. Uma comunidade virtual “é construída sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”⁶. À primeira vista, as relações *on-line* parecem frias, impessoais; mas isso não procede. As comunidades virtuais, pelo contrário, são uma expressão de como é possível criar laços virtuais frutíferos e de proximidade. O mundo torna-se, via Internet, uma verdadeira aldeia, onde as pessoas se encontram e partilham experiências completamente livres das limitações geográficas e dos preconceitos.

Por fim, o terceiro princípio é a **inteligência coletiva**. A idéia central deste conceito é que o conhecimento virtual é construído por todos os seus usuários, cada leitor se torna um editor e, por isso, colabora na construção do conhecimento.

2. Novo estágio da humanidade

A cibercultura marca o início de um novo estágio da humanidade. Estamos vivendo um segundo dilúvio, a segunda grande transformação da ecologia da mídia⁷.

O primeiro período pelo qual a humanidade passou é o caracterizado pela linguagem oral, uma totalidade não universal, o particular. As mensagens lingüísticas, em geral transmitidas através da narração ou do rito, são recebidas no tempo e lugar em que são emitidas. O emissor e o receptor fazem parte de um mesmo contexto. A característica forte é a imediatez da comunicação, uma forma direta, sempre contextualizada, apesar de particular.

⁵ P. LEVY, *Cibercultura*, São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 92.

⁶ *Ibidem*, p. 127.

⁷ Cf. *Ibidem*, pp.113 ss. Levy desenvolve este tema também em sua obra *As tecnologias da inteligência*, São Paulo: Editora 34, 1990.

O ambiente é uma série de totalidades culturais particulares, tradições fechadas em si. O universo semântico não extrapola as fronteiras da aldeia. As leis, os deuses, o conhecimento, as técnicas etc. são particulares, fruto da experiência do próprio povo, transmitidos oralmente através das gerações.

Por volta do século IV a.C., a humanidade cria uma nova forma de comunicação: a escrita. Sua grande novidade consiste em estender a memória social e permitir, assim, a universalidade. Esta universalidade, porém, é totalizante, pois o texto é descontextualizado. A distância geográfica e cronológica entre o autor e o leitor pode ser muito grande. Isto força uma universalidade e objetividade por parte do emissor que quer ser compreendido por todos os seus leitores.

Os meios de comunicação de massa, apesar de pertencerem em parte à cibercultura, refletem este esquema de comunicação da linguagem escrita, ao descontextualizarem a mensagem, tornando-a universal e igual para todos. Assim também as religiões só se tornaram, ou se tornam, universais através do texto. No primeiro período, as religiões eram particulares, próprias de cada aldeia. Neste novo período, as religiões, através de seu “livro” — Bíblia, Alcorão, Torá... —, tornam-se universais, mas totalizantes, como se fossem a única verdade.

Na segunda grande transformação da ecologia da mídia, a cibercultura, a universalidade continua, com uma novidade: não é mais totalizante. Quanto mais universal, menos totalizável no mundo da cultura virtual. Esta desvinculação entre a universalidade e a totalidade é possível porque a cibercultura permite a todos partilharem do mesmo contexto. No ciberespaço, todos estão interconectados. Toda leitura é contextualizada, em tempo real, conferindo sentido ao texto. A pressão em direção à objetividade diminui. As mensagens são cada vez menos produzidas de forma a durarem. Lembremos das características do hipertexto: leitor e autor se confundem, ocorre uma comunicação horizontal, onde a mensagem está em constante atualização e partilha.

3. O universal sem totalidade

Após conhecermos brevemente a infra-estrutura que possibilita a existência da cibercultura, passemos à sistematização deste novo horizonte cultural.

P. Levy diz que “o principal evento cultural anunciado pela emergência do ciberespaço é a desconexão desses dois operadores sociais ou máquinas abstratas — muito mais do que conceitos — que são a universalidade e a totalização. A causa disso é simples: o ciberespaço

dissolve a pragmática da comunicação, que desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade”⁸. Se recordarmos os estágios da humanidade citados acima, veremos que estamos unindo, em termos, características dos dois períodos anteriores, extraindo uma síntese curiosa e importante. Mantém-se o universal, característico do segundo período, mostrando que a cibercultura não é um gueto, uma realidade fechada, particular, excludente. A ele se acrescenta o particular da situação anterior à escrita: a contextualização, a proximidade entre o emissor e o receptor, partilha do mesmo universo semântico, que é aberto.

A cibercultura dá início a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade. Não fecha mais o sentido do texto, pois o contextualiza. Não obriga o texto a ser igual para todos, homogêneo, fechado à interatividade, com um sentido determinado e objetivo. Há sempre relação com uma comunidade ativa. Não é totalizável também porque não há um centro, uma linha diretriz, um conteúdo base ao qual todos se remetem. O conteúdo da cibercultura é aberto, em constante atualização e expansão.

O paradoxo central deste novo contexto cultural é que “quanto mais o ciberespaço se torna universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável”⁹, pois cada nova conexão acrescenta novas fontes de informação, abre um novo caminho de comunicação e de aprimoramento, novas possibilidades de encontro, de troca, de colaboração na construção do saber. E a tendência natural é o ciberespaço sempre se expandir, com o surgimento de novas conexões. Qualquer mensagem virtual está de alguma forma ligada — conectada — com outras, com comentários e nós em constante evolução.

4. Características da cibercultura

O universal sem totalidade é o ponto fundamental para compreender este novo universo cultural, porque acaba por determinar todas as demais características da cibercultura. A era da informática, do virtual, só se propõe como cultura exatamente porque envolve diversas dimensões do ser humano, que definem as características de um povo e formam o seu ambiente cultural. O virtual e o universal sem totalidade mudam as características da música, da arte, dos valores, da educação, do trabalho...

a) Som e arte

A música foi um dos primeiros elementos a se tornar virtual, digital, e ilustra bem o universal sem totalidade. Ela é universal pela sua

⁸ P. LEVY, *Cibercultura*, *Op. cit.*, p. 118.

⁹ *Ibidem*, p. 120.

difusão e também pela padronização técnica, através do padrão MIDI¹⁰, que favorece a leitura universal de qualquer som.

E, como fruto da cibercultura, o som é hoje sem totalidade, pois está em constante transformação e existem múltiplos estilos. Parece prevalecer o ecletismo e a infidelidade, entendida positivamente como a possibilidade de se ouvir e produzir o som que se deseja no momento. Destaque-se aqui a música *tecno*, criada a partir de fragmentos de músicas — digitais — ou de sons, muitas vezes, reeditados, copiados, manipulados.

Assim como o som, a arte em geral é também modificada pelo ambiente virtual, possibilitando a criação de obras antes inimagináveis, principalmente pela possibilidade aberta pela participação, pela interatividade e pela simulação. A arte virtual exige a construção em conjunto. O espectador não só participa na construção do sentido, como na arte “tradicional”, mas na própria construção da obra.

b) Nova relação com o saber

A dinamicidade é um dos pontos centrais da era virtual. Tudo evolui rapidamente. A relação com o saber também segue este esquema, sofrendo fortes transformações em relação com o passado. Vivemos em meio a uma avalanche de informações e conhecimentos dos quais só apreendemos fragmentos, parcialidades. A nova relação com o saber fundamenta-se na seleção, na busca por aquilo que interessa.

O saber apresenta-se de um modo mais crítico e ao alcance de todos. É universal porque o seu portador é o ciberespaço, uma comunidade viva e ativa, e não mais o sábio, o professor, o livro ou o manual. Aí repousa também o fato de não ser totalizante: o saber é fruto da interconexão, da comunidade virtual que partilha e colabora mutuamente para a construção da inteligência coletiva. O centro, porém, do saber “virtual” é a simulação. Esta técnica mudou consideravelmente a relação do homem contemporâneo com o saber, pois possibilitou-lhe experiências antes impossíveis. As áreas mais beneficiadas pela simulação são as experiências científicas, os testes e os treinamentos.

A nova relação com o saber conduz o ser humano à personalização do conhecimento e à conseqüente diversidade de pontos de vista. Isso exige um novo modelo de educação, a passagem da educação institucionalizada à troca de saberes, à partilha mútua, à construção coletiva (inteligência coletiva). A educação que emerge da cibercultura, é aberta e à distância. Isto possibilita a personalização e a diversifica-

¹⁰ *Musical Instrument Digital Interface.*

ção provenientes da interconexão e da comunidade virtual. A aprendizagem torna-se um trabalho coletivo, cooperativo, sobrepondo a qualidade à quantidade.

c) Valores

Outro questionamento constante, feito à cibercultura, diz respeito aos valores que defende. Ela propõe novos valores? Sim e não! Como não tem um centro diretor, são inúmeros os valores e contravalores, presentes e difundidos pela rede. Porém, alguns se destacam. P. Levy responde dirigindo-se principalmente à sociedade européia, à francesa em particular, dizendo que “a cibercultura pode ser considerada como herdeira legítima — ainda que longínqua) do projeto progressista dos filósofos do século XVIII, pois valoriza a — participação em comunidade de debates e de argumentação”¹¹.

As bandeiras iluministas da igualdade, liberdade e fraternidade, propulsoras da Revolução Francesa e da sociedade moderna, continuam de pé na cibercultura, mas com nova face. A igualdade virtual está na possibilidade de cada indivíduo se conectar com todos e enviar informações a toda a comunidade virtual. A conexão é sempre igual. Não há hierarquias, classes, raças etc. Todos podem ser produtores de conhecimento e informações. Por fim, e principalmente, incentiva uma forma de reciprocidade, essencial nas relações humanas. A cibercultura é extremamente democrática.

A liberdade é o valor mais preservado e incentivado na cibercultura. É intrínseca à não totalidade, exatamente porque todos são livres para darem sua interpretação, colaborar na produção intelectual, escolherem o que querem ver, ler, ouvir... O acesso “transfronteiriço” a qualquer comunidade virtual é a maior expressão da liberdade na cibercultura. Tudo está em nossas mãos. Basta um clique.

Por fim, a fraternidade transparece na interconexão mundial e na mútua colaboração na construção do conhecimento (inteligência coletiva). Expressa-se também nas comunidades virtuais e grupos de debates.

d) Antropologia da cibercultura

A antropologia da cibercultura é ainda um tema pouco explorado. Por isto, o ponto de partida de nossa análise será a teoria do Pe. H. C. de LimaVaz¹².

¹¹ P. LEVY. *Cibercultura*, p. 245.

¹² cf. H. C. de LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica* (vol. I e II), São Paulo: Loyola, 1991 e 1992.

A estrutura fundamental do ser humano é composta pela tríade corpo, psiquismo e espírito. A estrutura somática, o corpo, é essencial para situar o ser humano no tempo e no espaço; relacioná-lo com os outros e permitir-lhe agir sobre a realidade. Não podemos compreender o corpo como o conjunto de órgãos e tecidos, mas, principalmente, como dimensão constitutiva e expressiva do ser do homem. Não podemos concebê-lo como presença unicamente material. Na cibercultura, importa mais a dimensão do corpo como presença intencional, pois “o homem está no mundo em situação fundamentalmente ativa, é ser-no-mundo”¹³, e não simplesmente estar-no-mundo. O corpo é o meio de comunicação, de expressão, de contato com o outro, mesmo virtualmente.

A estrutura psíquica (psiquismo) situa-se entre a estrutura somática e a espiritual. Caracteriza-se por ser mediada pela percepção (imaginário) e pelo desejo (afetivo). Modela a interioridade, a consciência e a identidade, elementos de grande importância na cibercultura.

A estrutura espiritual (espírito) é o lugar da manifestação do sentido da vida, nível em que o ser humano se abre à transcendência. A busca de significados é intrínseca ao ser humano. Em tudo procura ver o sentido último; manifesta-se, essencialmente, como pensamento (conhecimento) e ação (liberdade). Não é difícil ver aqui a relação com a cibercultura, que impele todos à busca livre do sentido da realidade, de sua existência, de seu papel no ciberespaço. O espírito, enquanto conhecimento em busca da verdade e ação que visa o bem, está em perfeito acordo com a teoria da cultura do virtual. O ser humano, no espaço virtual, não é reconhecido pelo seu corpo material, mas pela sua personalidade, pela sua ação e participação na comunidade virtual, cujo fim último é a produção de conhecimento e a busca de sentido. Os encontros se dão, sobretudo, pela dimensão profunda de cada ser humano e não pela expressão corporal (material), como em geral acontece.

Até agora vimos a estrutura do ser humano (forma). O passo seguinte consiste em analisar-lhe o conteúdo, considerando a situação do ser humano, de acordo com três modos de presença: enquanto mundo, outro e absoluto. Constituem-se aí suas relações fundamentais: objetividade, intersubjetividade e transcendência.

A relação de objetividade se caracteriza pela não reciprocidade. É a presença do ser humano no mundo e a sua manipulação. O ser humano configura o mundo como interconexão de coisas, eventos, representações e significados. Este mundo é, essencialmente, linguagem e rela-

¹³ H. C. de LIMA VAZ, *Op. cit.* (vol. I), São Paulo: Loyola, 1991, p. 176.

ção: o mundo virtual. O contato do homem com o mundo virtual gera uma nova concepção de tempo e de espaço, repercutindo em sua compreensão da realidade. Na cibercultura, o ser humano está, na verdade, em contato com dois mundos: o real, com suas relações materiais, e o virtual, onde o contato dá-se pelo horizonte do sentido.

A relação de subjetividade é marcada pela reciprocidade. É a relação com o outro, com outro sujeito. Esta é a forma mais clara de relação da cibercultura e o ponto fundamental na constituição das comunidades virtuais. A relação como o outro, mesmo mediada por um instrumento (computador), não perde a sua essência, o seu valor e a sua importância. Longe de serem frias e distantes, as relações virtuais são verdadeiras, diretas, pois o sujeito aparece despido de seus medos, de seus preconceitos, e entra em contato com o mais íntimo do outro, com a sua consciência, seus pensamentos, suas diferenças, seus ideais... As comunidades virtuais, com exceções é claro, são expressões de relações intersubjetivas que valorizam a diferença e confirmam a identidade do sujeito. Entender a relação interpessoal como encontro com o outro está em plena sintonia com a cibercultura.

A relação menos evidente na cibercultura — este artigo pretende esclarecê-la — é a de transcendência, relação com o Absoluto. Esta relação excede a comunidade humana e o horizonte da história, para se projetar numa realidade que ultrapassa os limites humanos. Pode ser o transcendente formal — o sentido absoluto que se manifesta como verdade, experiência noética, ou bem, a experiência ética — e o transcendente real — o Existente absoluto ou Deus, experiência metafísica. “A relação de transcendência resulta do excesso ontológico pelo qual o sujeito se sobrepõe ao mundo e à história e avança além do ser-no-mundo e do ser-com-o-outro na busca do fundamento último para o *eu sou* primordial que o constitui e do termo último ao qual referir o dinamismo desta ação primeira”¹⁴.

II – O impacto da cibercultura sobre a fé

Todo contexto cultural influencia o ser humano, condicionando a sua forma de ser, pensar e agir. Influencia, também, a fé e a vivência da religiosidade. Por conseguinte, o ambiente da cibercultura com suas inúmeras mudanças e novidades nos obriga a formular questões de caráter teológico: qual o impacto causado por esta cultura sobre a fé eclesial e pessoal? Que proposições do mundo virtual têm relevância numa reflexão sistemática sobre a fé?

¹⁴ *Ibidem*, p. 93.

A fé não se aliena do contexto e da sociedade. Assim, urge responder a estas indagações como pressuposto para se visualizar novos rumos para a fé e para a Igreja, visando a atingir o homem “virtual” e significar algo para o ser humano contemporâneo.

1. *Impacto sobre a fé comunitária — eclesial*

O impacto da cibercultura sobre a fé eclesial acontece principalmente em quatro pontos: a verdade absoluta proposta pela religião, o conceito de comunidade, as bases da fé — Bíblia e Tradição — e a evangelização.

a) Negação dos absolutismos

A crítica, ou melhor, a rejeição da absolutização da verdade, no ambiente da cibercultura, não se refere unicamente à fé cristã, mas a todas as religiões. É típico das religiões propor verdades universais, absolutas, auto-suficientes. A cibercultura não reconhece universais absolutos, totalizantes, e está aberta a todas as religiões igualmente. Não nega o valor do cristianismo, mas não o considera “o” sistema de valores morais e religiosos, apenas “um” sistema entre tantos. A sociedade virtual é eclética e infiel por natureza. Não aceita os fundamentalismos e os absolutismos. Pelo contrário, igualmente, ortodoxos e hereges, sérios e levianos, crentes e descrentes. Uma das características mais fortes do homem virtual é a liberdade e o desejo de testar, experimentar novidades, entrar em contato com teorias e mensagens diversas, escolhendo dentre elas a mais adequada ao seu modo de ser e pensar. Na cibercultura, o “supermercado da fé” atinge seu cume.

A Internet põe ao alcance dos internautas todas as religiões, todas as propostas religiosas e pseudo-religiosas. Eles podem selecioná-las e recompô-las. A mensagem tem um caráter sempre mais fragmentário, parcial. É comum a “religião” de um cibernauta ser uma miscelânea de elementos encontrados em diversas religiões. A infidelidade também é um tema relevante. Assim como o internauta comporta-se infielmente com um *site*, um jornal, um trabalho, uma ideologia, também agirá em relação à fé. A Internet não reconhece dogmas, hierarquias, normas disciplinares (em termos), e questiona toda forma de instituição. Tudo isto gera um grande impacto sobre a estrutura eclesial.

b) A comunidade virtual

Não existe fé cristã se não for eclesial, comunitária! Este é um consenso no cristianismo. Entretanto, emerge hoje uma nova realidade: o mundo virtual é acessado individualmente, não existe uma comunidade material como conhecemos ou como o cristianismo exige para gerar e alimentar a fé, uma comunidade que transmite a fé recebida, celebra

os sacramentos, vive a fraternidade e a unidade. De fato, se pensarmos tradicionalmente a comunidade, diríamos que a cibercultura não é um ambiente propício à vivência da fé. Mas isso não é verdade e reflete uma ignorância, pois existem muitas formas de vida comunitária no ciberespaço, como vimos acima. A Internet propicia o encontro instantâneo, barato, sem sair de casa, com qualquer parte do mundo.

A cibercultura favorece muitas maneiras novas de encontro e de partilha que determinam as relações e dão início a uma comunidade unida por ideais, inclusive ideais religiosos. Ela põe em contato pessoas muito distantes umas das outras. Possibilita o encontro de pessoas isoladas, de cristãos que não podem participar de uma “comunidade real”, vivem em ambiente de conflito e perseguição, não podem manifestar publicamente sua fé, e, principalmente, serve como complemento para a vida de fé eclesial tradicional.

Se a “comunidade é o lugar de expansão da afetividade e de crescimento” e “crer em Igreja significa partilhar em comum uma mesma interpretação de fé, uma mesma esfera de interesses, um mesmo mundo de significados, um horizonte de compreensão”¹⁵, o ciberespaço oferece um ótimo ambiente comunitário para a vivência da fé. Resta saber como a fé e a Igreja utilizam este espaço.

c) Ciberespaço sagrado

O ciberespaço é um espaço sagrado? Contém a presença de Deus? É espaço para a manifestação de Deus? Estas são perguntas difíceis de serem respondidas e, exatamente por isso, impactam sobre a fé. Alguns autores já se propuseram a desenvolver o tema¹⁶, mas sem grandes avanços. À primeira vista, o ciberespaço não parece possibilitar a manifestação de Deus, não permite a revelação, uma epifania, por ser frio, impessoal, abstrato... Mas, analisando-o mais profundamente, constatamos que é um espaço de testemunho, de formação, de comunicação, de ação, de contemplação e de encontro com Deus.

O ciberespaço é um espaço sagrado. “É um local onde o homem pode plenificar-se na graça de Deus”¹⁷. É espaço que possibilita a revelação e o contato com Deus. Relevante, no entanto, é saber como se viabiliza tal manifestação de Deus. Como reconhecer a ação do Espírito Santo, incentivador e propulsor da fé? Como encontrar Jesus Cristo, centro

¹⁵ J. B. LIBANIO, *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*, São Paulo: Loyola, 2000, pp. 254-255.

¹⁶ Cf. M. WERTHEIM, in “É o ciberespaço um espaço espiritual?”, no site: <http://www.socio.demon.co.uk/magazine/7/wertheim.html>, acessado em 15 setembro de 2001.

¹⁷ M. WERTHEIM, *Op. cit.*

da fé cristã, neste ambiente tão fragmentado e eclético? Como reconhecer Deus criador e redentor num espaço imaterial, em constante expansão?

Todas estas questões conduzem-nos à reflexão sobre a história da revelação de Deus ao ser humano e levam-nos a considerar a cibercultura uma nova etapa da história da salvação/revelação. Todo ser humano, pela criação, é destinado a este encontro de amor. Ao longo da história, Deus utilizou diversos instrumentos para comunicar-se ao ser humano e revelar-lhe o seu plano de salvação, chegando ao auge na encarnação. Mas, a revelação continua após a ressurreição de Cristo, apesar de já se apresentar definitiva. A cibercultura pode não apresentar novidades na revelação, mas é uma nova forma de Deus manifestar-se e de atingir um novo povo, uma sociedade essencialmente “pagã”. Um novo rebanho em potencial, aberto a novidades, procura o sentido da vida no mundo digital e abre espaço para a comunidade cristã apresentar a sua fé.

d) Os pilares da fé: Escritura e Tradição

A Escritura e a Tradição, principais fontes da fé cristã, são abaladas pela cibercultura. “A Bíblia é um livro sagrado, entre outros, na Internet: as interpretações a que estávamos acostumados, de repente, vêm-se confrontadas com outras, quem sabe mais de acordo com a mentalidade moderna”¹⁸. Diversos livros sagrados partilham o mesmo espaço com a Bíblia. E todos disputam com idéias não-religiosas, muitas vezes, postas em pé de igualdade.

A Escritura não é aceita como verdade absoluta, inquestionável. Por isso, a verdade revelada entra em choque com a liberdade de opinião da cibercultura, bem como com a autoridade da Igreja, cuja autoridade de interpretação vai na contramão da subjetividade contemporânea. A proposta universalista da Bíblia causa resistência sobre quem deseja interatividade e particularismo, pois as metanarrativas não têm espaço na cibercultura.

O novo modo de pensar, não linear — terceiro estágio da humanidade —, modelo do hipertexto, também rejeita a estrutura atual da interpretação da Bíblia. A forma como se apresenta a Palavra de Deus deve ser repensada e redimensionada para responder às exigências da cibercultura. A essência da mensagem bíblica é válida para todos os tempos e lugares, mesmo onde o espaço e o tempo são relativos. Entretanto sua interpretação e apresentação devem se adaptar ao novo contexto cultural.

¹⁸ W. GRUEN, *A Bíblia na era da Internet*, <http://www.itf.org.br/Artigos/bibinter.html>, acessado em 20 outubro 2001.

As mesmas críticas e resistências surgem em relação à Tradição. A autoridade moral e intelectual conquistada pela Tradição não significa praticamente nada para o cibernauta. O passado não é modelo para o presente. Por isso, não tem sentido buscar na Tradição parâmetros para hoje. O valor mais forte na cibercultura é a liberdade. Liberdade de escolha, liberdade de pensamento, liberdade de ação. Ninguém se guia por normas autoritárias e inquestionáveis, apesar de a Tradição representar muito mais do que isto.

O respeito ao passado, à Tradição, não existe mais, por se negar toda espécie de totalitarismo e de absolutismo. Como este é um dos pilares que sustentam a fé, temos aí um desafio a ser respondido, seguindo o mesmo caminho da Escritura: mostrar o verdadeiro sentido da Tradição como um apoio, um conjunto de experiências que alimenta a fé e dá conteúdo à vida cristã.

e) A transmissão da fé

A transmissão da fé, ou evangelização, é uma das funções da comunidade eclesial e ocorre de diversas maneiras. Em relação à cibercultura, novas maneiras são apresentadas, com a sua capacidade de transmitir informações religiosas e ensinamentos para além de toda barreira e fronteira e a todas as pessoas. A Internet apresenta-se como um novo foro, local público para discussões e vida social, aberto inclusive para a evangelização.

Todas estas possibilidades causam um impacto positivo sobre a fé cristã, ao oferecerem uma gama enorme de novos caminhos para a difusão da mensagem cristã. O ciberespaço é um grande campo a ser desbravado por missionários virtuais, dispostos a se inculturar. O trabalho é certamente difícil, não menor que as grandes missões do passado. A dinamicidade da rede atrai e enriquece muito mais que o modelo atual de catequese, encontro de jovens, cursos preparatórios para os sacramentos etc. E mais que ameaçar, incentiva e auxilia o trabalho da comunidade eclesial de transmitir a fé. Basta encontrar o modo apropriado tanto à fé como à mentalidade virtual. Na cibercultura, a evangelização é “uma complexa equação de marketing”¹⁹, mas não deve conduzir à banalização da mensagem.

2. Impacto sobre a fé individual — pessoal

Toda fé é contextualizada. “Não há fé fora do contexto cultural em que vivemos. O universo cultural marca nossa fé”²⁰. As mudanças antropológicas geradas pela cibercultura refletem também na vivência

¹⁹ I. DOMANIN e S. PORRO, *Il web sia con voi*, Milano: Mondadori, 2001, p. 70.

²⁰ J. B. LIBANIO, *Op. cit.*, p. 41.

da fé, que só continuará existindo se se adequar ao novo contexto cultural.

Na cibercultura, as relações com o mundo e com o outro mudam, assumem nova face; conseqüentemente, a relação com Deus também muda, encontra novas formas. O ciberespaço tem uma constituição própria. É uma representação do mundo “real”, mas também inclui muitos elementos não existentes fora do ambiente virtual. Ela estabelece relações com um mundo possível, desvelado na velocidade e intensidade que o internauta desejar. É a relação com um mundo onde o espaço e o tempo são relativos. Por isso, mudam-se algumas concepções matemáticas, físicas e científicas. É relação indireta com o mundo, assim como o é com o outro. Há diversas formas de relacionamento interpessoal na cibercultura, mas todas ocorrem de maneira indireta. O sujeito é sempre alguém conhecido parcialmente, que assume inclusive identidades diferentes conforme a situação. A relação interpessoal é sempre de desconfiança e incerteza.

Isso tudo influi no modo de relacionamento com o Transcendente. A relação com Deus também ocorre de modo indireto? Relacionamo-nos com uma “representação” de Deus? A confiança, fundamental na fé, é possível neste contexto?

A compreensão de ser humano é outro elemento de impacto sobre a fé. O corpo não é mais valorizado por seu aspecto material, mas pela expressão e comunicação, e o psiquismo, pela consciência e identidade. O espírito, por sua vez, se apresenta como lugar de manifestação do sentido da vida, encontro com o Transcendente. Busca de sentido na cibercultura é um trabalho complexo, pois, aparentemente, não há muita consistência em seus conteúdos. Redimensionar este desejo de encontrar o sentido da vida para a busca da fé é um caminho promissor, mas não menos difícil. O grande perigo é de o ser humano se perder na imensidão virtual. Ali existem infinitas propostas de vida que podem conduzi-lo a um vazio existencial e à perda do gosto pela vida. O encontro com Deus é uma busca pessoal. Isto assusta a comunidade cristã. Nada no mundo virtual pode ser imposto, só sugerido, mesmo uma verdade salvífica e edificante, como a fé cristã. Não há uma forma direta de contato. Só o interessado pode ir ao encontro da mensagem. Cabe à fé cristã estar preparada para o momento de se apresentar, aproveitando todas as possibilidades.

A cibercultura impõe alguns novos conceitos, que merecem atenção. Já falamos do tempo e do espaço. A eles se juntam a fidelidade, a identidade, a memória, a verdade e a autoridade, partes integrantes da fé. A cibercultura não reconhece uma autoridade suprema, uma voz reguladora. Todos têm o mesmo direito e agem de maneira quase anár-

quica. A Igreja não tem, neste contexto, o mesmo papel e espaço como em outras culturas. Desse modo, a transmissão da fé é prejudicada.

É prejudicada, também, pela relatividade da verdade na cibercultura. O virtual muda o conceito de verdade, torna-o parcial e transitório. A verdade é o consenso atual. Não há uma verdade suprema ou reguladora, como o é a proposta da fé cristã. Existem várias verdades, cada uma em seu campo, substituíveis conforme a necessidade. Como consequência, resulta a infidelidade. O ser humano “virtual” é essencialmente infiel, não se apegando a nenhuma “verdade”. E a cultura do descartável mantém a sua força. O importante na cibercultura é experimentar, provar de várias fontes para estabelecer a síntese pessoal. Conserva-se o que interessa, pelo tempo que interessar, e se descarta o inútil. Isto vale, inclusive, para a fé. Na sua expressão extremada, temos o fenômeno do “supermercado da fé”.

Outro elemento interessante é a relação linguagem/conteúdo. Na cibercultura, a linguagem aparece em primeiro lugar e com destaque. O conteúdo está em segundo plano. A forma como os conteúdos são apresentados recebe maior destaque. Pela variedade altíssima de informações, devem-se encontrar meios de atrair o cibernauta, para depois apresentar-lhe os conceitos e as idéias. A fé cristã tem um conteúdo forte, denso. Mas sua apresentação é problemática. A linguagem da fé é, hoje, um impedimento para a transmissão do seu conteúdo. Deve ser revista.

A fragmentação também merece ser considerada. A fé cristã é um conjunto. Os seus elementos são indissociáveis. Ao se abraçar a fé, assumem-se todos estes elementos e não parte deles, os que convêm, os que são mais atraentes e agradáveis. A fé cristã tem sentido no seu conjunto. Sua novidade não pode ser fragmentada. Entretanto, a cibercultura fragmenta e relativiza tudo.

Também o imediatismo provoca forte impacto sobre a fé. Deseja-se viver intensamente o presente, sem pensar no futuro — *Carpe diem*. O perigo consiste em se desvincular a fé da prática de libertação e de justiça. A cibercultura não exige compromisso de vida. Há fuga do compromisso. Porém, não há verdadeira fé sem práxis, e o apego excessivo ao mundo virtual impede uma práxis verdadeira. O desafio é conduzir o crente a uma ação que transcenda o virtual e tenha reflexo na sociedade não virtual.

Impacto positivo da cibercultura é a capacidade de abrir novos horizontes. Para a fé, isso é significativo e representa um auxílio à sua vivência. O mundo virtual não substitui o “real”, mas o complementa, abre novos caminhos e perspectivas que auxiliam na vivência real. As possibilidades de contato com a fé são mais amplas que as tradicio-

nais. Surgem novas formas de viver a fé, individualmente, e um novo modo de exprimir a religiosidade distinto daquele condicionado pela repressão social. Não há um regulador ou observador para controlar a vivência cristã virtual. Assim, a consciência pessoal é mais ativa e responsável. A função da comunidade é, unicamente, a de pôr as pessoas em contato com a fé e alimentá-la sem cobranças. Todo o trabalho é individual, de busca e crescimento constante. O “eu” destaca-se no ciberespaço, tem prioridade sobre o nós, sobre a sociedade.

III – Como a fé reage diante do novo ambiente cultural

Estamos ainda vendo o alvorecer da cibercultura. Não são claras as mudanças da fé, as alterações provocadas na sua vivência e na ação da Igreja. Apontaremos alguns caminhos, já trilhados pela fé, e outros a serem trilhados para responder aos desafios e aproveitar as facilidades oferecidas pelo universo virtual. Ainda existe muita resistência, principalmente por parte da instituição eclesiástica, para adentrar-se, definitivamente, nesta nova cultura. As poucas tentativas se mostram cercadas de prudência e marcadas por uma mentalidade não “virtual”.²¹

A fé já demonstra certa mudança. As comunidades virtuais criam um novo conceito de fraternidade. O diálogo inter-religioso mostra-se uma exigência. As possibilidades de evangelização e orientação *on-line* apontam para um promissor futuro da fé.

1. Mudanças na vivência da fé

A fé é sempre uma resposta à revelação e uma adesão ao projeto salvífico proposto pelo Pai, através de Jesus Cristo. Já discutimos se o espaço virtual é um espaço sagrado, a possibilitar a revelação de Deus. Chegamos à conclusão de que é. Deste modo, a fé é possível, pois se pode aderir à revelação transmitida na cibercultura. O virtual não é um meio secundário, apenas para alimentar a fé. Antes, possibilita o encontro verdadeiro do ser humano com o sagrado. A liberdade, valor primordial na cibercultura, é fundamental neste processo de adesão ao projeto salvífico e mostra que dentre as várias formas de responder à revelação, está a do universo virtual.

²¹ Recentemente o Vaticano editou dois documentos sobre a Internet (*Ética e Internet* e *A Igreja e a Internet*) e o tema para o Dia Mundial da Comunicação de 2002 foi: “Internet: o novo foro para a proclamação do evangelho”.

A fé, mediada por este universo, tem suas particularidades. As expressões da fé não são absolutas, não se apóiam mais em dogmas, mas em experiências éticas, de paz, de confiança... e, principalmente, de sentido da vida. A fé virtual é uma resposta ao vazio existencial da inutilidade humana no ambiente tecnicista, onde a máquina é o centro e o ser humano um operador. A busca por Deus revela a busca de algo que transcenda o universo técnico e dê sentido à existência, aos sentimentos, à vivência ética.

A fé, no ambiente virtual, tem consciência de ser apenas um caminho entre tantos outros possíveis. É a escolha do seguimento de Cristo dentre uma gama enorme de guias espirituais e ideológicos. Por ser uma decisão livre e seletiva, escolhe-se a fé cristã, entre tantas outras opções. A fé assume caráter mais consciente e decidido. É fruto de uma busca consciente e interessada. Não como em outros ambientes culturais, onde a religião é uma imposição social ou o universo cultural possível. Na cibercultura, o ser humano tem todas as possibilidades em suas mãos e opta pela que achar mais completa, mais significativa, mais condizente com suas idiossincrasias. Quem opta por ser cristão, assume esta fé de maneira mais responsável²².

A cibercultura valoriza o simbólico da fé e motiva a resgatá-lo. A cibercultura é feita essencialmente de símbolos, e a riqueza simbólica da fé cristã representa muito neste universo, abrindo a possibilidade de um novo e atrativo contato com elementos, só revelados nos símbolos. Sem o símbolo, a experiência cristã não poderia se expressar, nem ocorrer. "No símbolo se diz o inefável e o invisível se manifesta, sem deixar, por isso, de ser o mistério santo e inesgotável, sempre transcendente a nossas imagens e representações. O símbolo não objetiva, não materializa, mas deixa que Deus seja Deus em sua soberana liberdade de mistério."²³ A dimensão religiosa do ser humano é dependente da dimensão simbólica. Só no símbolo e através do símbolo, Deus se revela e poderemos nos abrir e entrar em comunhão com ele.

O simbólico da Bíblia também é valorizado e mostra-se um instrumento precioso para auxiliar a fé. A Bíblia é o símbolo da natureza espiritual da mensagem cristã. A comunidade cristã deve esclarecer o sentido, o ensinamento, e, principalmente, os símbolos da Escritura para torná-la compreensível à cibercultura. Esta é a resposta ao impacto causado aos pilares da fé.

²² Não esqueçamos, porém, que uma das principais características da cibercultura é a infidelidade e a experimentação. Isto leva muitos a apenas experimentar a fé cristã ou a escolher alguns de seus elementos que mais lhe agradam.

²³ J. J. SANCHEZ, "Símbolo", in *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, São Paulo: Paulus, 1999, p.784.

A relativização da Bíblia não significa negar seu valor. Ela não apresenta soluções prontas. Não é totalizante. Mas, sugere caminhos, mostra “como” responder aos questionamentos e dificuldades cotidianos. A Escritura não apresenta um caminho absoluto, mas vários caminhos, várias propostas. É um texto aberto a interpretações diversas.

A Tradição também deve ser vista nesta ótica. Não pretende ser totalizante, mas um suporte, um conjunto de experiências que auxiliam a vida cristã atual. Ela não impõe ações ou pensamentos, mas oferece sugestões elaboradas e comprovadas pela história.

2. A ciberigreja

A Igreja ainda engatinha na cibercultura, mas já tomou consciência de ser esta a tendência atual. É de fundamental importância adequar-se à nova cultura, como bem expressa Iginio Domanin: “Em breve nascerá um novo tipo de ‘Igreja’, emanação virtual daquela tradicional, geográfica e temporalmente deslocada, mas não por isso menos eficaz na sua ação evangelizadora”²⁴.

Há diversos *sites* particulares, onde a fé e o seu centro visam a se opor aos *sites* que promovem o ódio, o sexo etc. O *site* do Vaticano (www.vatican.va) é uma tentativa da Igreja de se inserir neste universo. Porém, mostra-se carregado de uma mentalidade não virtual. O *site* só serve para dar a conhecer a Igreja católica. Expõe a autoridade e o poder da Igreja. Entretanto, não atrai nem serve para evangelizar e converter. É um *site* bem estruturado e funcional, mas o navegador é considerado o último referencial nesta estrutura. Visa a atender somente os católicos. Não há interação, não se cria uma verdadeira “igreja virtual”, um novo ambiente de encontro com Deus e com a comunidade cristã.

Os documentos oficiais mostram o interesse da Igreja em refletir sobre o tema. O modo e a linguagem, porém, dão mostras de uma resistência. A Igreja não aceita a falta de hierarquia, a interatividade e a relatividade da cibercultura. O mérito dos textos eclesiais, no entanto, é o de reconhecer a importância e a centralidade do virtual e abrir a Igreja à Internet e à cibercultura — novo foro —, além de mostrar caminhos de aproximação e encontro com esta nova cultura. A Igreja ainda resiste em ver o ciberespaço como um espaço sagrado, de encontro e vivência da fé.

Os *sites* com mais sucesso e abertura são os “particulares”, *sites* pessoais e de institutos religiosos, e os *newsgroups*, que refletem sobre a fé e a religião com sinceridade e profundidade.

²⁴ I. DOMANIN e S. PORRO, *Op. cit.*, p. 64.

Há também inúmeros *sites* devocionais, com uma nova forma de explicitar e viver a fé. Os responsáveis por estes endereços eletrônicos expõem suas experiências, exprimem suas idéias e a própria fé e partilham a sua devoção. I. Domanin e S. Porro propõem a questão: “criar um *site* dedicando-o ao santo ao qual se é devoto, pôr em rede orações já esquecidas ou textos sagrados com a respectiva exegese, dar vida a uma comunidade virtual que discute o mistério da cruz significa realizar um ato de fé?”²⁵ Respondemos, conscientemente, que sim. Esta *também* é uma forma de viver a fé.

Quanto aos sacramentos, há muita discussão e um campo em aberto. Domanin e Porro lançam uma questão sobre a confissão virtual: “Se (a cibercultura) tem a capacidade de pôr em comunicação duas pessoas, fazendo-as interagir entre si como se fossem presentes, por que motivo uma confissão virtual não deve ser considerada válida?”²⁶ É uma questão ainda complicada falar de sacramentos *on-line*, por todos os elementos materiais e formais que exigem, além do aspecto significativo e teológico. Mas não podemos ignorar a necessidade de se pensar em certas mudanças para adequá-los, ou representá-los na cibercultura.

Um caminho muito promissor na cultura do virtual é a orientação espiritual. Os exemplos de atendimento personalizado *on-line* mais conhecidos são o *site* italiano www.pretionline.it que dá orientação espiritual e tem sacerdotes disponíveis para atender os cibernautas a qualquer momento do dia e a diocese virtual Partenia (www.partenia.org).

A função de uma Igreja virtual é bem apresentada por Juan Yzuel²⁷, que inclusive criou um site denominado www.ciberiglesia.net. A igreja virtual visa anunciar o evangelho; ser um local de encontro; suscitar a solidariedade; favorecer a reflexão e o diálogo teológico; apoiar a inculturação mediante o diálogo respeitoso com os povos e com a própria cibercultura; ajudar no desenvolvimento de ministérios e na formação dos ministros; promover um retorno ao sacerdócio bíblico; potencializar a igualdade e a integração plena da mulher na Igreja; colaborar no diálogo inter-religioso; oferecer um serviço de orientação pastoral e espiritual; apoiar o trabalho dos agentes de pastoral oferecendo formação, subsídios e recursos pastorais; e animar uma vivência comprometida da fé no seio de uma comunidade cristã.

A igreja virtual oferece muitas possibilidades para uma vivência da fé diferenciada. Ela não substitui a liturgia e a relação interpessoal, mas complementa-as e possibilita a participação do culto e da comunidade

²⁵ *Ibidem*, p. 34.

²⁶ *Ibidem*, p. 47.

²⁷ J. YZUEL, “Ciberiglesia”, *Revista Exodo*, 59 (2001) 52.

cristã a pessoas confinadas, distantes, perseguidas... “(A cibercultura) tem a impressionante capacidade de ultrapassar a distância e o isolamento, levando indivíduos a entrarem em contato com as pessoas de boa vontade que nutrem os mesmos interesses e que participam nas virtuais comunidades de fé para se encorajarem e auxiliarem umas às outras”²⁸.

A comunidade religiosa tem a necessidade de se fazer presente no mundo virtual, apropriando-se dos instrumentos interativos típicos da cibercultura, a fim de criar novas maneiras de encontro com Deus e de manifestação da fé. De criar novas formas de contato com a Palavra de Deus e com o seu projeto salvífico. Quando houver uma forma digital da Igreja católica pronta para acolher o homem contemporâneo e disposta a apresentar-lhe uma novidade, o ser humano (cristão ou não-cristão) mergulhará na nova cultura com uma grande chance de encontrar algo que dê sentido à sua vida e uma nova forma de viver sua fé.

3. A ação eclesial na cibercultura

A ação eclesial é o elemento que mais se favorece na cultura do virtual. A evangelização, a pastoral, a catequese, a orientação espiritual são imensamente privilegiadas pelos meios técnicos oferecidos. Basta ter um programa coerente e sábio que muitos frutos serão gerados (“cem por um”).

Novas oportunidades pastorais apresentam-se, fundamentadas na interatividade e na inexistência das distâncias. Mas será preciso saber responder às angústias do internauta. Para tal, é necessário fazer parte de um mesmo universo que ele. Com um bom programa pastoral, a Igreja atrairá o internauta e criará um ambiente favorável a vivência da fé.

Igualmente a catequese torna-se muito mais atrativa e cativante, utilizando-se os meios virtuais. A catequese e a pastoral que não utilizarem este meio estão perdendo uma grande oportunidade, pois esta cultura é a porta que põe as novas gerações em contato com o mundo e, por isso, também com a fé. O jovem está crescendo neste universo cultural, e não aceitará os antigos modelos de educação da Igreja. A relação com o saber mudou. E a Igreja deve estar atenta a isso ao apresentar a fé às novas gerações.

A evangelização, no entanto, é a ação mais favorecida pela cibercultura. A rede — recordemos da metáfora da rede no Novo Testamento — é

²⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Igreja e Internet*, nº 5, www.vatican.va, acessado em 20 abril de 2001.

um magnífico meio de evangelização, cujo valor a Igreja já percebeu. “Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica”²⁹.

A missão primordial da Igreja é evangelizar, “pregar o evangelho a todas as criaturas” (Mc 16,15). Desde o Pentecostes, a comunidade cristã utilizou todos os meios disponíveis para pregar a boa-nova de Cristo, levando a mensagem de amor a toda a humanidade. Assim como em outras épocas, os missionários serviram-se de todos os meios para evangelizar, nós, no nosso tempo, temos a obrigação de usar o ciberespaço para pregar o evangelho.

O exemplo de Paulo é-nos fonte de inspiração. O apóstolo dos gentios, com a evangelização por meio de cartas, abriu um novo caminho. Depois das cartas paulinas, a imprensa serviu enormemente para a difusão universal e rápida da Boa Nova. Hoje temos um meio ainda mais eficaz: o ciberespaço. Não podemos desperdiçar o seu auxílio. Paulo incentiva-nos a mergulhar plenamente neste universo, pois comprovou a eficácia dos novos meios para promover a fé e a vida cristã e para a formação, estruturação e sustentação de novas comunidades.

4. *Práxis*

A fé é fundamentalmente um compromisso de vida. Este compromisso é um tanto ambíguo na nova cultura. Entretanto, é possível estabelecer um diálogo no campo ético e ressaltar os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade, presentes na cibercultura, para promover uma práxis cristã.

O contato com novos grupos abre perspectivas de uma ação universal de libertação e justiça e, principalmente, de uma vida ética. Apesar de muitos elementos da cibercultura serem anárquicos, o diálogo no campo ético é bem aceito e, aí, a fé cristã encontra um horizonte de atuação, um receptáculo. A fé é uma ética também, pois propõe um estilo de vida, um *ethos*, e, como tal, encontra um caminho aberto na mentalidade virtual.

Formar os cristãos para a responsabilidade e a ética conduz a um compromisso de vida, uma práxis, que inspira e atrai internautas sedentos de sentido para a vida. O modo de vida que o ser humano tem “virtualmente”, reflete-se na “realidade”. E os exemplos de ação e compromisso presenciados *on-line*, refletir-se-ão *off-line*.

²⁹ JOÃO PAULO II, “Mensagem para o 36º dia mundial das comunicações sociais”, n. 2, no *site*: <http://www.cnbb.org.br/estudos/encar612.html>, acessado em 20 abril de 2002.

Igualmente a promoção e a luta pelos direitos humanos fazem parte da fé e se apresentam na cibercultura, esperando uma resposta. O profeta — voz levantada contra as injustiças sociais — continua tendo seu lugar na cibercultura. Sua crítica é auxiliada pela universalidade do ciberespaço, alcança um público incalculável. A voz que clamava no deserto, agora, clama no ciberespaço, e abrange o mundo todo, diferentes culturas, povos, classes sociais, idades etc. Não estão faltando espaço e abertura do mundo virtual, e sim profetas.

Em sua mensagem para o Dia da Comunicação, João Paulo II questionava se “pode a cibercultura servir para a causa da paz? Favorecer a cultura do diálogo, da participação, da solidariedade e da reconciliação?”³⁰. E ele próprio respondia afirmativamente; isto a Igreja acredita. Estamos avistando um novo horizonte de ação cristã, um novo universo esperando ser evangelizado para começar a agir cristãmente.

Propor uma ação prática que transcenda o mundo virtual é um desafio a ser respondido pela comunidade cristã, disposta a testemunhar a sua fé.

5. *Diálogo inter-religioso*

Uma das principais características da cibercultura é a variedade. Há diversas opções para tudo! O cibernauta sabe disso e aproveita esta variedade para experimentar o diferente. A fé segue o mesmo esquema. Ao lado da fé cristã, com o mesmo espaço e direito, estão a fé islâmica, judaica, budista, hinduísta... e todas as manifestações religiosas, por menores e mais desconhecidas que sejam.

Ter consciência da pluralidade religiosa e abertura ao diálogo é fundamental na nova cultura. Todos têm uma proposta de vida e fé, umas mais outras menos coerentes. Todas têm algo a oferecer e são respeitadas por isto. O cristianismo é mais uma religião, uma verdade, um caminho de salvação, entre outros. Por mais que nos consideremos superiores ou melhores, portadores da verdade revelada pelo Filho de Deus encarnado, não podemos impor essa verdade.

Não cabe aqui um tratado sobre o diálogo inter-religioso. Antes, destacamos o despontar de um caminho novo de convergência e de colaboração entre as diferentes manifestações religiosas. Há um espaço virtual para a fé e para as religiões. Todavia, é preciso saber ocupá-lo, a fim de combater os desvios e todos os elementos degradantes no ciberespaço.

³⁰ *Ibidem*, n. 5.

6. Perguntas em aberto

A cibercultura é um universo que começa a se desvelar. Muito nos resta a aprender. Muita coisa ainda vai mudar nesta cultura. A fé, por sua vez, ainda engatinha neste “campo minado” e não tem respostas para tudo. Grande parte do virtual ainda é desconhecido e imprevisível, deixando uma série de questões em aberto, principalmente, em relação à fé.

“A era digital está desvelando um cenário no qual a presença do sagrado, a busca da fé, a peregrinação para a revelação encontra novas chances de afirmação”³¹. Entretanto, estas chances precisam ser bem aproveitadas. Não há um caminho único ou um modelo de ação. A cibercultura é feita de testes, de erros e acertos. Isto vale também para a ação cristã, ao propor a fé e ao promover a ética.

A fé cristã terá, na cibercultura, o mesmo espaço que teve, ou tem, na cultura ocidental? A proposta cristã será integralmente aceita, ou será mais um produto no supermercado da fé? Como agir em conjunto com as outras religiões para combater o degradante do ciberespaço? Como promover uma pastoral eficaz? Todas estas são perguntas em aberto. Por ora, só temos sugestões, hipóteses.

Igualmente, conjectura-se se, algum dia, a cibercultura substituirá a vida litúrgica e sacramental da Igreja, possibilitando um encontro concreto com Deus. Há tentativas. Mas, até que ponto são válidas e aceitas?

Muitas novidades estão por vir. Porém, deve estar presente em nossas mentes que a fé nunca vai perder a sua dimensão de mistério. Como tal, sempre agirá, independentemente da ação humana, de modo maravilhoso e também imprevisível.

Toda esta reflexão sobre a fé, num ambiente tão inusitado, pode parecer infrutífera e conceitual. Entretanto, este é o horizonte apontado à humanidade. Não podemos nos alienar deste contexto. A nova geração só entrará em contato com a fé se for através deste meio. A história prova a necessidade da inculturação. Se a fé não se “inculturar”, perderá seu significado para o ser humano, na nova cultura.

O alerta está dado! Talvez de um modo bastante otimista. A fé tem lugar e é aguardada com esperança pela cibercultura. Faltam profetas e missionários corajosos para enfrentar este ambiente onde os conceitos e valores são relativos. Precisamos deixar a “terra firme” para

³¹ I. DOMANIN e S. PORRO, *Op. cit.*, p. 86.

avancar em águas mais profundas, ou melhor, para um universo infinito, desterritorializado e atemporal. Ali também Deus se manifesta!

Mais que respostas, pretendemos abrir perspectivas, questionar o cristão e motivar uma ação de inserção na cibercultura. Pretendemos colaborar com a missão da Igreja, continuadora do múnus profético de Cristo

Darlei Zanon SSP é bacharel em Filosofia, pela PUC-Campinas — SP, e bacharel em Teologia, pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus — Belo Horizonte — MG. É redator de *Liturgia Diária*, Ed. Paulus.

Endereço: Av. Portugal, 1769 – Jardim Atlântico
31550-000 *Belo Horizonte* – MG
e-mail: freidarlei@hotmail.com